



O começo de tudo

A transformação de uma sociedade não começa nos palanques nem nas ruas, tampouco nas leis. Ela começa no silêncio amoroso de um ventre. Ali, onde um coração aprende a bater no ritmo de outro, antes mesmo de saber o que é o mundo. É no útero da mãe que a humanidade se desenha pela primeira vez — e é ali que deveríamos colocar o nosso maior cuidado.

O afeto não é apenas uma emoção; é uma arquitetura invisível que sustenta o ser. Um bebê que é gestado em um ambiente de amor, serenidade e segurança emocional já nasce mais predisposto a confiar. E, quando uma criança confia, ela aprende. Quando ela aprende, cresce íntegra. E quando cresce íntegra, ajuda a construir uma sociedade mais justa, menos violenta, mais consciente do valor da vida.

Mas o afeto não pode ser tarefa exclusiva das mães. Ele é um compromisso coletivo. A família, os amigos, a escola, os vizinhos, a comunidade — todos participam da gestação social de um ser humano. Todos educam, todos moldam, todos influenciam. Se quisermos de fato mudar o rumo da história, precisamos compreender que cada gesto, cada palavra, cada olhar é um tijolo na construção do mundo que teremos amanhã.

O que vimos recentemente no Rio de Janeiro — centenas de vidas perdidas numa tentativa desesperada de conter o avanço do crime — é o retrato de uma sociedade que não foi suficientemente amparada pelo afeto. São feridas abertas de uma infância negligenciada, de lares desfeitos, de oportunidades arrancadas pela raiz. O sangue derramado nas vielas é o preço que pagamos por não termos investido o suficiente na delicadeza.

É urgente romper esse ciclo.

É urgente entender que segurança se faz com abraço, com escuta, com presença.

Que paz não se impõe — se cultiva.

Por isso, este é um convite: que cada um de nós se engaje num movimento para organizar a paz.

Que as políticas públicas, as famílias, as empresas, as escolas, as igrejas, as comunidades, todos, sem exceção, unam-se para reconstruir o tecido emocional da sociedade brasileira.

Porque o futuro começa no ventre, floresce no colo e só prospera onde há amor.

A paz não é uma utopia — é um projeto coletivo de afeto.

